

# O “Grupo Hera” e a Poesia em Feira de Santana

Moacir Educação\*

“... Ao povo seu poema aqui devolvo  
menos como quem canta  
do que planta.”

Meu povo, meu poema  
Ferreira Gullar

**M**ais próxima da capital baiana do que a bela São Gabriel, a cidade de Feira de Santana, antiga Olhos d'Água, apelidada de “Princesa do Sertão”, há muito se insere no cenário da cultura literária do Brasil. Isto acontece menos pela sua localização (a apenas 100 Km de Salvador) do que pelo esforço de quem ali se instala com intuítos que ultrapassem os de meros passageiros. Cidade sede de um cenário típico das regiões de fronteira, é cheia de entroncamentos, situação favorável ao seu aspecto de “ponto de parada”. Favorável, também, ao fenômeno da conurbação (inclusive cultural), representa semelhante aspecto ao qual demonstro num de meus trocadilhos:

todo ponto de chegada é um ponto de partida  
todo ponto de partida é um ponto de chegada  
quando se parte - se marca a data da retornada.

Quando se chega a este “portal do Sertão” (Feira de Santana), encontra-se uma soma, ou melhor, uma multiplicidade de vontades artísticas, todas elas intrinsecamente relacionadas a um intuito comum, de difícil construção e efeito: encantar o transeunte, fazê-lo firmar assento na “cidade transitória”. Tudo isto, porque o homem pós-moderno é mesmo um ambulante - perambulante. Em conflito com o tempo e com o espaço, com as circunstâncias, com o vácuo, com o estático ou, mesmo, com o movimento inerte. É homem - que perde o seu poder de grito, na arte. Que pretende roubar do quadro, o “grito<sup>1</sup>” que deveria estar na garganta.

Na discussão desse conflito, e no mesmo ensejo desse *encantar* o transeunte, está a perseverança do Grupo *Hera*, afinando seu verbo a fim de “dar manutenção” a valores que se modificam, e são constantes neste ciclo, o mesmo ciclo que Camões (poeta português do século XVI) já havia indicado em um de seus sonetos:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades...  
(fragmento)

Dentro desse rebuliço que é viver, está a perseverança dos “engenheiros” de versos, cientistas da imagem na palavra, da fluência de um saber coerente com a prova de que ser cômico, no sentido *lato*, é estar preparado para registrar o irregistrável, como quem usa a poética para realçar o tempo e o espaço *in memoriam*, temática afinada ao cotidiano daquilo que é contemporâneo. Há muito, o *Hera* vem burilando, através de seus encontros às segundas-feiras, e da sua revista, homônima, os caracteres desse arcabouço.

Uma verdadeira “mulher de trinta anos”, nasce a revista *Hera*, na década de 70, entre os muros do Colégio Estadual de Feira de Santana e o desejo de ultrapassá-los, através da arte poética.

Desde 1972, ano de fundação da revista, até hoje, vários poetas baianos têm-se destacado no cenário literário nacional, muitos deles partindo do incentivo das publicações na coletânea do Grupo *Hera*. Ao acompanhar produções, opinar, criticar, ser criticado, ao tempo em que se mantém,

o *Hera* vem tendo importância fundamental no cenário literário brasileiro, revelando nomes representativos, como os que são elencados pelo grande mapeador da poesia brasileira, o piauiense Assis Brasil, pesquisador cultural, em seu livro *A Poesia Baiana no Século XX*. Nesse livro, um texto de Carvalho Filho cita, em retrospectiva histórica, o nome do feirense Godofredo Filho como “o primeiro dos escritores novos da Bahia a dar notícias aos intelectuais do Sul de que aqui já pousara, já nos contagiara o espírito renovador das letras e das artes” (trecho de *Literatura Baiana (1920-1980): Carvalho Filho/1986*. In *A Poesia Baiana no Século XX: Assis Brasil/1999*, p. 16). Já, João Carlos Teixeira Gomes (poeta e jornalista, da chamada *Geração Mapa<sup>2</sup>*), ainda em epígrafe do citado livro de Assis, coloca, ao lado de Godofredo Filho (fundador da revista *Arco & Flexa/1928*) Eurico Alves, Carvalho Filho e Hélio Simões, entre os poetas baianos que “*mais se identificaram com os processos formais e a temática modernista da primeira hora*”.

Mais adiante, aparece a geração que eu chamaria de “mola propulsora” do Grupo *Hera*. Tendo lançado aproximadamente cem poetas, este movimento representa (entre outros surgidos em Feira de Santana) o grande esforço de se manter viva a arte da poesia. Não sendo possível citar tantos autores de importância comum aos intuítos do movimento *Hera*, o texto aqui exposto será direcionado a nomes próximos, entre os quais Roberval Pereyr e Antônio Brasileiro, dois dos idealizadores de *Hera*, meus ex-professores de Teoria da Literatura, no curso de Letras da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana.

## O pré-natal

1968. Estando em Belo Horizonte - MG, depois de abandonar o curso de Ciências Sociais em Salvador, o poeta Antonio Brasileiro trabalhava na criação da revista *Serial*, a ser lançada, na capital baiana, no mesmo ano, o seu primeiro número, com o apoio de outro poeta, Jacinto Prisco. Brasileiro já publicava Cordel, que chegou apenas até o seu 7º número, fechando suas edições em 1969<sup>3</sup>.

Estamos falando da mesma geração dos poetas Ruy Espinheira Filho, Cid Seixas, Iderval Miranda, Juraci Dórea (criador, junto com AB, o jornal cultural *Légua & Meia*), todos eles ligados aos movimentos literários da Bahia, colaboradores posteriormente de Hera, que *“fará par, nesta fase, com a publicação de Serial”*, segundo Assis Brasil, no livro supracitado.

Importante, também, nessa trajetória, é a geração de 80, como cita Assis Brasil na introdução de sua antologia. Daí, a atenção será voltada para autores publicados pela *Coleção dos Novos*, da Fundação Cultural do Estado da Bahia. Cita-se Roberval Pereyr, também fundador de *Hera*, se firmando, nos anos 90, no cenário nacional, assim como Luís Pimentel, Washington Queiroz e Wilson Pereira de Jesus. Ainda, Rubens Alves Pereira, Raymundo Luiz Lopes, Maria da Conceição Paranhos (colaboradora), Elieser Cesar e Anne Cerqueira, são nomes certos em qualquer citação sobre participantes do movimento *Hera* com destaques na literatura baiana e nacional. Salete Aguiar e Trazíbulo Henrique Pardo Casas - além dos já citados Juraci Dórea e Iderval Miranda - também, estão inclusos na seleção dos que, ainda hoje, são membros ativos nos encontros semanais de *Hera*.

## Os (des)caminhos

Entre altos e baixos, o *movimento* chegou a ter momentos em que o entusiasmo de seus colaboradores atinge uma auto-estima animadora. O próprio Antonio Brasileiro acrescenta, ao prefácio

da edição especial de comemoração aos vinte anos da revista, em 1992, a nota que, no período, *“em Feira de Santana, poesia e Hera significariam a mesma coisa”*.

Se chega a parecer prepotência, é o sentimento do poeta Antonio Brasileiro, poliglota da arte, fazendo ressurgir o garoto de 11 anos que escrevia o primeiro poema, o escritor de 14 anos que já havia composto cinco romances, ou aquele artista precoce cujos ensaios iniciais de um tratado filosófico sobre Spinoza (não concluído) vinha sendo escrito já na adolescência, por volta dos 15.

A prepotência de um artista. Talvez *nietzschiano*, *“zaratustro”*, em que a *vontade de potência* se revela, desde cedo. O artista que, aos doze anos, compunha sua autobiografia.

Esta, é uma busca pelo “deixar marcas”, presente um pouco em todos dos que escrevem, pintam, vivem, como se a presença de sua arte, no mundo, fosse um elevar-se na história, pois entende que *“conquistar o tempo seja domar a eternidade”* (In *Com a Palavra o Escritor*: Antonio Brasileiro/2002. p. 79). Tudo isto não deve ser considerado um mal do artista. Sejam vistas tais atitudes como parte da condição imposta pela arte frente aos conflitos, inicialmente citados, entre o homem e seus arredores; assim, o poeta assume tal posicionamento, por causa do gênero, de forma responsável. É o que Antonio Brasileiro traça em *“Fragmentos de Apaganto”*, num trecho cujo poeta e músico Tito Gonçalves encontra, diferentemente deste estudo, apenas uma *relação harmônica e reveladora de um profundo estado de unidade entre o homem e a natureza* (As Flores de Hera. In *Zephyrus - Caderno de Iniciação Científica* (UEFS) / Tito Gonçalves: 2004. p. 68).

Um girassol me olha ao fim da tarde.  
(*Fragmentos de Apaganto/AB*)

Tito, ainda, acende a ótica para o poema *“Nudez”* (*Hera*, 8, 1977) de Roberval Pereyr, em que acredita que o autor, no que diz respeito ao eu-lírico, *“considera a flor um ser completo e enaltece a simplici-*

*dade e a qualidade de perfeita e eterna”*. O que nossa ótica ainda permeia, para os versos citados abaixo, é o mesmo sentido de potência vivenciado, em Antonio Brasileiro, e, quem sabe, em qualquer poeta de nossa época.

Não quero ser simples  
Uma flor não é simples:  
é uma flor. E não cede.

(*Nudez*. Roberval Pereyr/1977)

## Poemas e itinerários de Hera

A revista *Serial* era apontada como uma *“manifestação de repúdio à produção e à visão poética dos vanguardistas”*, segundo depoimento de Roberval Pereyr, no livro citado de Assis Brasil. Já, a revista *Hera*, ainda segundo Roberval, vai tomar novos rumos. Desde sua criação, até a 19ª publicação, em 1997, a revista já havia dado espaço a aproximadamente uma centena de autores, vivificando temáticas de gerações diversas, indo além das questões formais, conduzindo uma proposta que, provavelmente, tenha nascido com o mesmo intuito de *Serial*: *“publicar, mas, ao mesmo tempo, criar uma comunhão entre as pessoas que fazem poesia, ou se interessam por poesia”*, palavras de Antonio Brasileiro, no livro *Literatura Baiana 1920-1980*<sup>4</sup>.

Meus caminhos, meus mapas,  
meus caminhos. Tudo na minha  
vida está em ordem, como se  
faltasse alguma coisa.

(*Antologia Poética”* /  
Antonio Brasileiro)

## OFÍCIO

A minha luta é banir-me  
a partir mesmo dos ossos  
da ossatura dos sonhos  
com seus remorsos, rebanhos  
de feras subtonadas.

Banir-me a partir do corpo  
onde o ego se ampara  
com o porte de um porco  
obeso, de banha farta.  
Pois havia o destino cego  
e uma carta lacrada: o ego  
com que me fiz e me nego  
porque não rasguei a carta.

# HERA



HERA Nº 18  
ILUSTRAÇÃO  
ANTÔNIO BRASILEIRO

Rasgo-a. E quanto mais a rasgo  
mais ela mesma se escreve.

(In *Concerto de Ilbas*.  
Roberval Pereyr/1997)

... Era a vida de volta, rasgada,  
e nova, e para sempre, pelas chamadas  
desse anjo de maio que arde em mim.

(fragmento do *Soneto do Anjo de  
Maio*<sup>5</sup>. Ruy Espinheira Filho/1990)

Nos textos acima, percebemos  
que, além da busca pelo que é  
simples (?), numa verdadeira missão,  
a temática em concílio leva a crer que  
a *condição humana* vai fazer parte  
do conflito regente de uma perspec-  
tiva a ser construída pelo mundo,  
conflito o qual é refletido nos poemas  
acima, cujos autores são determina-  
dos, e não deixam a desejar.

O professor de Literatura  
Brasileira da UEFS, Aleílton Fonseca,  
escritor, crítico literário e ensaísta,  
apresenta em *Iararana*, número 8<sup>6</sup>,  
revista da qual é co-editor, um  
panorama da poesia brasileira, num  
artigo em que traz à tona *les poètes  
bavianais, des modernes aux  
contemporains*. Sua exposição,  
traduzida para o francês, revela,  
mais uma vez, a importância de  
alguns participantes da revista *Hera*,  
no quadro de representantes que  
marcam presença nos envolvimen-

tos poéticos desse momento chamado de *crise de la poésie*:  
Antonio Brasileiro (1944) *a produit une poésie d'une nature philosophique  
et spéculative, marquée par un lyrisme retenu, introspectif et interrogateur  
de la condition humaine...*

Roberval Pereyr (1953) *écrit des poèmes de réflexion existentielle, dans  
lesquels les effets poétiques du mot et de la pensée s'amalgament en des  
sensations métaphoriques, allégoriques... Sa poésie est une immersion  
profonde dans les significations de la condition humaine moderne.*

Ruy Espinheira Filho (1942) *combine le pouvoir évocateur de la mémoire et  
la profonde perception de l'espace des expériences quotidiennes comme  
source de lyrisme.*

Maria da Conceição Paranhos (1944) *une poésie faite d'invention formelle  
et de métalangage... des expériences urbaines, sur un ton critique, ironi-  
que et informatif...*

Cid Seixas (1948) *est un auteur d'un lyrisme concentré et égocentrique,  
mais qui réfléchit également sur l'acte créateur... Préoccupé par le renou-  
veau des significations et la réhabilitation poétique des mots usés par le  
quotidien.*

Participar desta “amalgama” pode ser um reencontro, ou um re-desen-  
contro com as respostas a questionamentos diários, reflexões sobre a exis-  
tência e conflitos, talvez, os mesmos vividos em épocas tão diversas, como  
aconteceu n'As *Quatro Estações*, de Vivaldi, também gerados pela *condi-  
ção humana*, ou ainda, por distinção, pela condição poética. Nesse sentido,  
o *Estudo 165*, de Antonio Brasileiro, pode fazer-nos franzir, ainda mais, a  
testa, invitando-nos a elaborar um pretensão resultado a essa louca situação  
de espera a qual nos condiciona a própria vida.

O crítico literário Antonio Brasileiro, em seu livro-tese *Da Inutilidade  
da Poesia*<sup>7</sup>, considera, a meu ver, que os conflitos a serem gerados pela  
condição de poeta deveriam estar, ainda, num nível de perigo alcançado  
na *República* de Platão, mas, diz ele, “*o que ocorre hoje é bem diferente:  
nenhum poeta oferece perigo. Pode-se deixá-lo inteiramente à vontade, são  
inofensivos. Inúteis, na melhor das hipóteses*”.

## ESTUDO 165

Compor um homem  
com suas tramas, seus dramas,  
teogonias, gramáticas, soluços;  
compor um homem,  
do orvalho matinal compor um homem,  
do céu cheio de estrelas, do mistério  
do homem  
compor o homem;  
compor um homem  
da criança que há no homem, do homem  
a adivinhar-se em antiquíssimas retinas;  
compor um homem  
com seus soluços, gramáticas, teogonias  
e recitá-lo perante os outros homens.

(In *Antologia Poética* / Antonio Brasileiro)

## Dos temas

Tito Gonçalves, em seu artigo *Flores de Hera*, nos chama a atenção a  
este grupo que “*desde os anos 70, produziu uma diversidade poética de  
alto rendimento estético, com uma poesia voltada aos limites da existência*

humana. Conforme o primeiro manifesto do Grupo, publicado no 15º número da revista, em 1982, *Hera* busca uma poesia centrada no homem”. E mais... “uma rejeição a essa sociedade que, desde a revolução tecnológica do século XIX (que desencadeou a mecanização do mundo e mudou as relações sociais), enxerga o poeta como um ser comum, solitário e anônimo em meio à multidão” indo ao encontro de mais uma temática, a qual Tito apresenta, entre aspas, como a “cidade sem virtudes”, apontando o lado ruim de estar na *urbis*.

Todos estes aspectos, tratados pelo movimento *Hera*, provavelmente, fazem parte do intuito comum citado no início deste artigo, o intuito de encantar o transeunte, fazê-lo firmar assento em Feira de Santana (a “cidade transitória”). Pensando nisso, parece que o homem que por aqui perambula - e passa - não se desgasta no caminho e, quando faz deste espaço um ponto de partida, finca um vínculo à trajetória, a fim de,

continuamente, voltar a ela,  
na forma de arte,  
na forma de *HERA*.

### Outras considerações

É preciso deixar claro que a poesia, em Feira de Santana, tomou dimensões incomensuráveis em relação a seus movimentos, desde a fundação de *Arco & Flexa*, *Serial* e *Hera*. Hoje, nesta cidade, muitos autores independentes vivem a poesia, conhecem procedimentos estéticos, e se movimentam. A literatura de cordel tem um vivo exemplo, o nome do poeta Franklin Maxado. Outros, se movimentam através de academias. É o caso dos trabalhos da Academia Feirense de Letras, e da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana. Em relação à poesia falada, deve-se notar o Grupo “*Os Bocas Do Inferno*”, cuja poesia, encenada ou escrita, ainda se faz bradar, em versos, nas noites feirenses. Também, autores independentes como Silvério Duque, Nívia Maria, Cleberton Santos, Adriano Eisen, Tito Gonçalves, Patrice de Moraes, Idmar Boaventura, Joaquim Gama, Moacir Eduão,

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Santana, Valdomiro. *Literatura Baiana 1920-1980*. Rio de Janeiro: Philobiblion; INL, 1986.
- Brasileiro, Antonio. *Da Inutilidade da Poesia*. Salvador: EDUFBA, 2002.
- Brasileiro, Antonio. *Antologia Poética*. Salvador: COPENE /Fundação Casa de Jorge Amado, 1996.
- *Revista Hera*. Edição Especial. Feira de Santana: Cordel, dez/1992.
- *Revista Hera*. Nº 18. Feira de Santana: Cordel, 1993.
- Pereyr, Roberval. *Concerto de Ilbas*. Campinas: Versal Casa de Livros, 1997.
- *Com a palavra o escritor*. Textos de Zélia Gattai [et al]; Org. Carlos Ribeiro. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/BRASKEM, 2002.
- *Zephyrus*. Caderno de Iniciação Científica Discente. Feira de Santana: UEFS, 2004.
- *Iararana* - Revista de arte, crítica e literatura (nº 8). Salvador: UEFS/Fundação Casa de Jorge Amado, 2004. (Editores: Carlos Ribeiro e Aleilton Fonseca).
- Brasil, Assis. *A Poesia Baiana no Século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- Camões, Luís Vaz de. *Camões: Verso e Prosa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- Gullar, Ferreira. *Dentro da Noite Veloz*. Rio de Janeiro: Civilização

Henrique Wagner, Bruna Matos, muitos deles alunos, ou ex-alunos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, participam ativamente da poesia gerada em Feira, em sua maioria, nomes certos a completarem a próxima coletânea *Hera*.

De tudo, ainda, não há que se fazer vistas grossas à poesia “marginal”, a que está de fora dos contextos acadêmicos na “*Princesa do Sertão*”, como nos lembra Marise Conceição Figueira, sobre a importância das outras vozes, acerca de textos não-cânone, em paráfrase a Roberval Pereyr<sup>8</sup>

...será... de bom alvitre investir no resgate de outras vozes e “reconquistar as diferenças representadas, no caso, atrair para si as vozes das margens e afirmar cada uma delas como tendência”. (In Honorato Filho: *Resistência na Transitoriedade do Cânone*. *Zephyrus - Caderno de Iniciação Científica (UEFS)* / Marise Conceição Figueira: 2004. p. 66.)

O Grupo *Hera* continua tendo suas reuniões, semanalmente, às segundas-feiras, na residência de Antonio Brasileiro, e pretende lançar, em pouco tempo, mais uma de suas coletâneas. Brevemente, vai ter mais gente tomando assento,

fazendo parte da conurbação cultural de Feira de Santana, fazendo parte, e firmando assento, na “cidade transitória” ●

\* Moacir Eduão é natural de São Gabriel (Bahia - Brasil). Graduado do Curso de Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana. Membro fundador da Academia de Letras de Irecê. Poeta, ensaísta, autor de quatro livros de poemas.

- <sup>1</sup> Menção ao *O Grito*, quadro expressionista do norueguês Edvard Munch (1863-1944), roubado do museu Munch, Oslo, em 22/08/2004.
- <sup>2</sup> Geração Mapa incluía nomes como Myriam Fraga e Florisvaldo Matos, também conhecidos por seus trabalhos poéticos.
- <sup>3</sup> Trecho de depoimento em *Literatura Baiana 1920-1980*. Antonio Brasileiro/1986.
- <sup>4</sup> Organizado por Valdomiro Santana, 1986.
- <sup>5</sup> Poesia do livro *A canção de Beatriz e outros poemas/1990*. Ruy Espinheira. In *A Poesia Baiana do Século XX*.
- <sup>6</sup> Edição especial (março/2002 a março/2003): Brasil / França. Em colaboração com *Latitudes: Cabiers Lusophones*. Este número representa o intercâmbio cultural que culmina, em 2003, no Colóquio “A Crise da Poesia” (La Crise de la Poésie), realizado em comunhão entre a UEFS e a Universidade de Artois, Arras, França.
- <sup>7</sup> Originalmente, sua tese de doutorado em Letras, defendida pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1999.
- <sup>8</sup> Roberval Pereyr lança, em 26 de agosto de 2004, Amálgama: *nas praias do avesso e poesia anterior*. Poesias Completas, Selo Bahia - Fundação Cultural da Bahia.